

PRÁTICAS EQUESTRES DE CORRIDA NO RIO GRANDE DO SUL: CONFIGURAÇÕES E REDES DE INTERDEPENDÊNCIA

Ester Liberato Pereira

Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.

Janice Zarpellon Mazo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Giandra Anceski Bataglion

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo

Este estudo buscou compreender as configurações das corridas de cavalos, no estado do Rio Grande do Sul, na transição entre os séculos XIX e XX, especificamente as práticas das carreiras de cancha reta e do turfe, com enfoque analítico em um personagem empírico: o “sul-rio-grandense”. Foram analisados documentos impressos. Evidenciou-se que essas corridas estabeleceram configurações culturais e esportivas, expressando-se como espaços plurais de múltiplas relações sociais dinâmicas nos momentos de divertimento para a população envolvida em seu contexto. Essas práticas agrupavam indivíduos com diferentes representações identitárias e constituíram uma configuração cultural que produzia representações relacionadas às identidades de diferentes grupos sociais.

Palavras-chave: História. Esporte. Turfe. Carreiras de cancha reta.

RACE EQUESTRIAN PRACTICES IN RIO GRANDE DO SUL: CONFIGURATIONS AND WEB OF INTERDEPENDENCES

Abstract

This study aimed to understand the configurations of horse races in the state of Rio Grande do Sul, in the transition between the nineteenth and twentieth centuries, specifically the practice of straight line horse races and turf races, with an analytical approach in an empirical character: the Rio Grande do Sul native. Printed documents were analyzed. It was evidenced that these races established cultural and sportive configurations, expressing themselves as plural spaces of multiple dynamic social relations in moments of amusement for the population involved in its context. These practices grouped individuals with different identity representations and formed a cultural configuration that produced representations related to the identities of different social groups.

Keywords: History. Sport. Turf. Straight line horse races.

PRÁTICAS ECUESTRES DE CARRERA EN RIO GRANDE DO SUL: CONFIGURACIONES Y REDES DE INTERDEPENDENCIA

Resumen

Este estudio buscó comprender las configuraciones de las carreras de caballos, en Rio Grande do Sul, durante los siglos XIX y XX, específicamente las prácticas de las carreras de cancha recta y del turfe, con enfoque analítico en un personaje empírico: el “sur-rio-grandense”. Se analizaron documentos impresos. Se evidenció que estas carreras establecieron configuraciones culturales y deportivas, expresándose como espacios plurales de múltiples relaciones sociales dinámicas en los momentos de diversión para la población involucrada en su contexto. Estas prácticas agrupaban individuos con diferentes representaciones identitarias y constituyeron una configuración cultural que producía representaciones relacionadas con las identidades de diferentes grupos sociales.

Palabrasclave: Historia. Deporte. Turfe. Carreras de cancha recta.

Introdução

A presente pesquisa trata de uma análise das corridas de cavalos como práticas equestres que estabeleceram configurações culturais e esportivas no estado do Rio Grande do Sul (RS), na transição entre os séculos XIX e XX, período no qual tais práticas foram disseminadas de forma significativa no estado (PEREIRA; SILVA; MAZO, 2015). Ao buscar abordar as práticas equestres de corrida presentes no contexto sul-rio-grandense, em particular, as carreiras de cancha reta e o turfe, ponderamos que elas expressaram-se em espaços plurais de múltiplas relações sociais nos momentos de divertimento para a população envolvida. Esses espaços são tanto aqueles institucionalizados, denominados de hipódromos ou prados, como também lugares não institucionalizados, definidos pelos praticantes, conforme as condições do terreno (pista reta) para a realização de uma disputa de corrida a cavalo.

Em meio à tradição sul-rio-grandense de uma elite rural na criação e no aprimoramento de raças de cavalos, aliada ao acompanhamento do processo de desenvolvimento da cidade, as carreiras de cancha reta favoreceram o posterior alicerce dos primeiros hipódromos (prados) de Porto Alegre, dispostos para a prática do turfe (PEREIRA; MAZO, 2014). Diante dessa constatação, busca-se avançar os estudos, investigando as dinâmicas das referidas configurações, bem como os processos que moviam as redes de interdependência por meio das tensões estabelecidas em torno da figura e da identidade do “sul-rio-grandense”, focado como personagem elisiano. As tensões referem-se a processos de esportivização,¹ os quais perpassaram as corridas de cavalos, assim como a construção de uma identidade sul-rio-grandense tensionada perante as identidades alemãs, lusas e italianas. Essas identidades etnoculturais foram tecidas no contexto de desenvolvimento das disputas identitárias no Rio Grande do Sul.

As corridas de cavalos apresentam uma extensa e distinta história, além do fato de que têm sido praticadas em culturas do mundo inteiro desde os tempos antigos. Em especial, na Inglaterra, as corridas de cavalos passaram por uma transformação de competição casual entre nobres para talvez o mais altamente organizado de todos os esportes (JEUKEN, 2017). Dessa forma, a configuração dessas corridas na estrutura e no formato característicos da prática do turfe, ou seja, regulamentadas e organizadas por clubes em hipódromos, apresenta origem inglesa. Foi justamente por meio dos europeus que o costume e o anseio de estruturar clubes, além de instituir eventos esportivos, aportaram no Brasil, constituindo os primeiros momentos da conformação de um campo esportivo no país. Paralelamente, figurava a intenção de que

¹ Esportivização seria o processo pelo qual jogos, passatempos e divertimentos populares vão se transformando em práticas institucionalizadas (MORAES E SILVA, 2015, p. 88).

tais práticas fossem circunscritas aos moldes europeus, em capitais brasileiras (MORAES E SILVA, 2015).

Há indícios de realização das primeiras corridas de cavalos no início do século XIX, no Rio de Janeiro (RJ), então capital brasileira (MELO, 2009). Tem-se, assim, o primeiro esporte constituído sobre as bases modernas no Brasil, com estrutura fortemente relacionada a uma nova dinâmica dos tempos sociais. Para Moraes e Silva (2015), foi principalmente a partir do final do século XIX e início do século XX que as atividades de caráter esportivo passaram a se fazer presentes, apresentando a finalidade específica de atender às exigências do mundo civilizado e urbano. Conforme o autor (2015), nesse contexto, as práticas equestres de corrida também emergem em outra capital da região Sul: Curitiba, no Paraná, como forma de se produzir um divertimento “civilizado” no interior da sociedade. Nessa dinâmica de civilizar, os comportamentos “inapropriados”, como as brigas entre espectadores que comumente permeavam as corridas de cavalos populares, muitas vezes em razão das apostas em dinheiro, deveriam ser excluídos da sociedade civil, então em composição.

Para Montenegro e Soares (2018), a prática das apostas em dinheiro, que envolvia as corridas de cavalos, circunscribe as especulações iniciais, visando a sua institucionalização. A incorporação dos elementos de esportivização buscava a consolidação das práticas equestres de corrida como um símbolo de distinção social, visando, sobretudo, atender aos anseios dos espectadores/apostadores das competições, uma vez que “se tratavam de locais onde os indivíduos podiam exercitar o sentimento de distinção social, através das belas e elegantes vestimentas, bem como de seus comportamentos controlados e uniformes” (MORAES E SILVA, 2015, p. 102). Todavia, cabe a ressalva de que as corridas de cavalos não consistiam em uma prática exclusiva da elite social e econômica, pois contava, também, com a participação popular (MONTENEGRO; SOARES, 2018).

No caso do RS, por volta da segunda metade do século XIX, as cidades ainda apresentavam um lento crescimento e era vigente o fomento de uma cultura predominantemente rural. No âmbito das diversões de uma parcela da população, destacavam-se as corridas de cavalos conhecidas por “carreiras em cancha reta”. Logo, no final do século XIX, em consonância com a valorização dos conceitos de espetáculo, contemplação e consumo na constituição dos modernos imaginários, a prática do turfe consolidou-se como um espaço de sociabilidade nas principais cidades em desenvolvimento no estado. De tal modo, a partir da coexistência de ambas, as carreiras de cancha reta passaram por um processo de esportivização e profissionalização, características primeiramente manifestadas pelo turfe (PEREIRA, 2016).

A construção de hipódromos foi considerada, também, como uma forma de contribuir para mudar os costumes, tendo em vista a delimitação posta no espaço físico. Todavia, cabe lembrar que Elias (2011), ao referir sobre a civilização dos costumes, alude que esse processo não ocorreu da mesma forma e ao mesmo tempo nos distintos lugares, mas foi apropriado e se sucedeu de maneira similar. Nessa conjuntura, de distintas classes sociais e elementos históricos, refletidos por meio de práticas esportivas equestres atreladas a um recorte temporal e espacial, o conceito de configuração de Norbert Elias foi norteador da pesquisa.

Com base nesse panorama, buscou-se compreender as configurações das corridas de cavalos, no estado do Rio Grande do Sul, na transição entre os séculos XIX e XX, especificamente as práticas das carreiras de cancha reta e do turfe, com enfoque analítico em um personagem empírico: o “sul-rio-grandense”. A investigação se limita ao RS na medida em que, no estudo de Mazo (2003), foi evidenciado que, desde as primeiras manifestações do fenômeno do associativismo esportivo no Estado, por volta da segunda metade do século XIX, as práticas que abarcavam a participação do cavalo já ocorriam em terras sul-rio-grandenses. Considera-se o turfe, portanto, como uma das primeiras práticas esportivas equestres que abarcavam a participação do cavalo em Porto Alegre (PEREIRA; MAZO,

2015). A pesquisa estende-se temporalmente até o século XX, pois é neste período que foi potencializado o processo de esportivização das práticas equestres no estado (PEREIRA, 2012).

Metodologia

A pesquisa sucedeu por meio da coleta de fontes documentais, compostas por documentos oficiais de associações ligadas às corridas de cavalos e fontes impressas de diversas naturezas. Tais fontes foram localizadas em arquivos do Jockey Club do RS, de arquivos públicos, bibliotecas e museus (Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho e Museu da Comunicação Hipólito José da Costa). Além destas, foram consultados atlas e álbum comemorativo: *Atlas do esporte no Brasil* (DACOSTA, 2006); *Atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no RS* (MAZO; REPPOLD FILHO, 2005); *Álbum do RS Sportivo*, organizado, em 1919, por Antenor Lemos e Edmundo de Carvalho. Também foram coletadas reportagens nos seguintes jornais do RS: *A Época*, *A Federação*, *Correio do Povo*, *Correio Mercantil*, *Diário de Notícias*, *Diário Popular*, *Gazeta de Porto Alegre*, *O Momento* e *Zero Hora* (ZH). Ainda, as revistas garimpadas foram as seguintes: catálogo *O esporte e a educação física na Revista do Globo (1929-1967)*, elaborado por Mazo (2004), *Semanário Turfista*, *Canter* e *Suplemento*.

O *corpus* documental, primeiramente, foi submetido a uma “análise de adequação” (BARROS, 2012). Posteriormente à etapa da coleta das fontes, passou-se para a codificação dos dados recolhidos. As reportagens coletadas foram fichadas e consideradas a partir do editorial, do registro e do teor. Os critérios empregados para o apontamento e o aparelhamento dos documentos foram determinados a partir dos temas: corridas de cavalos configuradas como carreiras de cancha reta e corridas conformadas como turfe. A seguir, os dados foram submetidos à técnica de análise documental (AQUINO, 2014). No seguimento, houve o cruzamento das fontes, e os resultados da interpretação dos dados cotejados são apresentados nos tópicos que seguem.

Configurações das corridas de cavalos

As práticas equestres de corrida, no RS, consistiam em espaços sociais que oportunizavam a revelação de representações simbólicas, produzindo sentidos e significados, localizando os grupos e os distinguindo de outros. Por meio dessas práticas, das conformações organizacionais, dos eventos agenciados e de distintos arranjos sociais e culturais, os imigrantes europeus e os sul-rio-grandenses conservaram, partilharam, transmitiram, agenciaram e, por fim, configuraram identidades culturais e étnicas. De tal modo, guiando-se na perspectiva teórica de Elias (1994), é possível perceber os vínculos entre os seres humanos no referido cenário por meio das redes de interdependência. Estas formam o nexo do que Elias (1992, 1994) denomina como configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Eis o motivo por que não é particularmente frutífero conceber os homens à imagem do homem individual. Muito mais apropriado será conjecturar a imagem de numerosas pessoas interdependentes formando configurações (isto é, grupos ou sociedades de tipos diferentes) entre si; dentre elas, associações esportivas, por exemplo.

Nessa direção, o desafio de interpretar as práticas esportivas, implica, invariavelmente, analisar a sociedade (ELIAS; DUNNING, 1992). Por meio de práticas culturais, o associativismo esportivo se estabeleceu no RS, tornando-se um espaço em que imigrantes e descendentes se identificaram, se distinguiram de diferentes grupos e entre eles, se reconheceram e reivindicaram uma posição perante a sociedade. Os imigrantes que se estabeleceram no Sul do Brasil produziram, negociaram e propagaram representações de

identidades (MAZO, 2003; SILVA, 2011; ASSMANN; MAZO, 2012; SILVA; PEREIRA; MAZO, 2012; ASSMANN, 2015). É plausível, assim, discorrer acerca de um espaço relacional das corridas de cavalos no RS, isto é, o aparelho de coordenadas que determinam a conjuntura dos seres humanos envolvidos com tais práticas, uns em relação aos outros, em dado momento.

Desse modo, ao identificar-se por meio de um passado supostamente comum, os imigrantes e os descendentes do RS procuraram conservar limites identitários igualmente a partir do aparelhamento de associações esportivas. Contudo, como fruto de uma história dos homens, as identidades são campos de conflito e negociação. Nessa mesma linha, ainda a partir de associações e de práticas esportivas, tais como as corridas de cavalos, reconfiguraram identidades, notadamente no princípio do século XX. Considera-se que, por meio das representações conferidas às associações e as suas práticas equestres de corrida, imigrantes europeus do RS, como os teuto-brasileiros, por exemplo, se identificaram e se distinguiram de outros grupos, como os luso-brasileiros. Desse modo, se reconheceram e reivindicaram um arranjo e uma disposição perante a sociedade.

Por esse motivo é que foram analisadas as práticas equestres de corrida como parte de uma determinada “configuração” em detrimento da ideia de um “sistema”, em função da instabilidade das relações entre seus sujeitos, averiguada por meio da interpretação dos dados obtidos ao longo da pesquisa. Nessa direção, buscou-se identificar as possíveis configurações de uma disposição particular entre tais práticas naquele contexto temporal e espacial, em uma perspectiva histórica, para se abranger experiências específicas de socialização. Para compreender tais instâncias, apreciando sua interdependência e a maneira como as suas ações e experiências se interpenetram, compondo um tipo de configuração, tratamos de investigar o arranjo variado, a relação de forças e o equilíbrio entre elas, a partir da experiência de socialização dessas práticas em diferentes regiões do RS.

As corridas de cavalos no RS: em busca de uma configuração

Considerando-se o envolvimento do povo do RS com os cavalos desde o período das conquistas de território do estado (CALLAGE, 1929; ROZANO; FONSECA, 2005), não surpreende que, na segunda metade do século XIX, as oportunidades preferenciais de diversão e lazer dos sul-rio-grandenses estivessem relacionadas aos cavalos, em especial às touradas, às cavalhadas e às corridas de cavalos. Em particular, as corridas de cavalos, notadamente dos rústicos cavalos crioulos, já se conformavam como uma das preferências. Os ginetes (cavaleiros, soldados, regulares ou de piquetes, peões ou mesmo índios missionários), em pleno campo, se desafiavam, no retorno das campeiradas, conjecturando sobre quem possuía o cavalo mais veloz (SCHERER, 2014). Para além dessas evidências acerca das práticas de divertimento com o cavalo no século XIX, há indícios de que, na cidade de Campinas, São Paulo, o cavalo esteve presente, também, em outros contextos, como os circos, onde participava, durante os espetáculos, junto aos acrobatas (MONTENEGRO; SOARES, 2018). As autoras (2018) citam, ainda, associações e clubes recreativos, como o Club de Corridas Campineiro, precursores nas corridas de cavalos na referida cidade.

No RS, a partir do engendramento das corridas de cavalos, emergiram as denominadas carreiras de cancha reta,² prática apreciada em diferentes regiões do estado. Em meio à tradição sul-rio-grandense de uma elite rural na criação e no aperfeiçoamento de raças de cavalos, aliada ao acompanhamento do processo de desenvolvimento das cidades e do acréscimo de sua população, as carreiras de cancha reta favoreceram a fundação dos primeiros

² Disputas que ocorriam em pistas retas, sob a medida de quadras, em uma cancha com o solo sem vegetação (ROZANO; FONSECA, 2005).

hipódromos para a prática do turfe em Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Bagé. Além dessas cidades, nos séculos XVIII e XIX, no estado, a prática do turfe ainda era comum em outras localidades, como naquelas situadas na região da campanha e do Vale do Taquari.³ Na capital, Porto Alegre, a prática do turfe era agenciada, desde o final do século XIX, majoritariamente, por homens identificados com a comunidade luso-brasileira, detentores de capital econômico. Esses luso-brasileiros fundaram prados ou ocupavam outras funções relevantes no circuito dos quatro prados porto-alegrenses, a saber: Prado Porto-Alegrense, fundado em 1877, chamado, posteriormente, de Prado Boa Vista; Prado Rio Grandense, inaugurado em 1881; Prado Navegantes, criado em 1891, e Prado Independência, instituído em 1894 (PEREIRA, 2012).

No contexto turfístico de Porto Alegre, encontraram-se indícios de profissionalização – por meio de um crescente processo de burocratização em tal prática esportiva – tão logo foram estabelecidos os referidos hipódromos (ROZANO; FONSECA, 2005). Tal composição também foi assinalada no estudo de Montenegro e Soares (2018), que apontaram a proeminência dos hipódromos no encabeçamento das corridas de cavalos como práticas que passaram a congregar elementos de esportivização, em Campinas, São Paulo. Em congruência, podem ser evidenciadas similaridades na paisagem de Curitiba, Paraná, onde o hipódromo representava “um lugar de sociabilidade que visava criar todo um sentido de distinção, muito caro às elites curitibanas do período” (MORAES E SILVA, 2015, p. 96). Conforme o autor (2015), nesse panorama, os indivíduos estariam aptos a receber e a difundir o fenômeno do esporte moderno, contribuindo, desse modo, para o seu avigoramento.

Em Porto Alegre, cada um dos hipódromos constituía uma associação anônima, visando a lucros mercantis. Conforme reportagem do *Semanário Turfista*, ao estarem em jogo altos interesses financeiros, com os significativos valores que eram apostados em cada corrida, ocorriam atritos entre diretorias dessas associações (7 DE SETEMBRO, 1930, p. 2). Embora tenham contribuído para o processo de esportivização das corridas de cavalos, as apostas em dinheiro acabaram deixando rastros negativos atrelados a essa prática no Brasil (MORAES E SILVA, 2015). Com o surgimento de novos focos de interesse, tais como o futebol, o cinema, bem como com a concorrência significativa entre prados, uma crise à prática turfística foi gerada (FRANCO, 2000). Nesse momento, início do século XX, houve uma diminuição das imposições de caráter moral no que se refere à exibição do corpo, sendo desenvolvida a notoriedade das práticas nas quais o movimento humano é o item principal. Trata-se, aqui, do remo, da natação e do atletismo. Esses esportes aproximam-se mais daquilo que se passava a idealizar para a prática esportiva: desafio, superação, higiene, saúde (GOIS JÚNIOR, 2013).

Outro aspecto que tem relação com a desaceleração do turfe diz respeito à identidade dessa prática esportiva equestre, eminentemente relacionada à sociedade aristocrática rural e que passava a confrontar a cultura burguesa em formação no estado. Essa nova classe social passou a atacar o turfe devido ao seu caráter de jogo, já que os burgueses identificavam-se com o remo, o ciclismo, o futebol, práticas que, naquele momento, estavam associadas a representações teuto-brasileiras na capital (MAZO, 2006). Processo semelhante é apresentado por Melo (2009), no RJ, onde o turfe e o remo também disputavam a prioridade no espetáculo urbano em fins do século XIX, representando, na esfera esportiva, a transição do patriarcado da oligarquia agrária brasileira para uma sociedade urbana, moderna e europeizada.

Ao abordar o turfe em São Paulo, Gois Júnior (2013) identifica indícios característicos de um declínio nas representações desse esporte para a elite paulistana no início do século XX, processo muito similar e concomitante apontado por Pereira (2012) em Porto Alegre.

³ Corridas de cavalos, conduzidos por um jóquei, realizadas em pistas ovais, de grama ou areia (MELO; MAIA, 2006, p. 1025).

Nesta última, tais indicativos de um processo de decadência dessa prática apresentavam-se em função da mudança nas características valorizadas pela nova cultura burguesa em formação e da crise econômica advinda da Revolução Federalista, a qual também contribuiu para a consolidação desse período de decaimento do turfe porto-alegrense. Por meio da revista ilustrada paulistana *A Vida Moderna*, Gois Junior (2013) evidenciou os problemas do turfe na cidade, tais como tentativas de lucro por algumas pessoas, projetando atos pouco honestos, o que acabava por desmoralizar o turfe como uma prática esportiva. Nota-se, aqui, uma expressiva tensão, uma vez que tais atitudes, associadas à busca por rendimentos econômicos e financeiros, podem ser consideradas como contraditórias com relação a um “*ethos* esportivo”. Afinal, nessa direção, tem-se que uma prática esportiva de elite não deveria envolver ganho de dinheiro, em consonância com o ideário de construção da figura do *gentleman*, com base nas reflexões de Elias (1994).

Diante de um ambiente de crise turfística, foi inaugurada, no dia 1º de outubro de 1899, em Porto Alegre, a primeira entidade que tentava minimizar os conflitos e proporcionar benefícios ao turfe: o Derby Club. Esse termo em inglês, inclusive, poderia estar associado à ideia de reconstrução das corridas de cavalos aliadas à concepção do *gentleman*. Essa entidade, a qual contava com representantes de todos os hipódromos, atuou no Hipódromo Independência e, anos mais tarde, organizaria corridas no Hipódromo Boa Vista e no Hipódromo Rio-Grandense. Embora influente no meio do turfe, o Derby Club não teve a duração esperada, sofrendo abalos na sua curta existência. Ao receber o embate despertado pelo interesse dos integrantes dos demais hipódromos, descontentes com a situação, o Derby Club acabou por ser extinto e reaberto por várias vezes e com distintos nomes. Em 1907, um grupo expressivo de turfistas fundou o Turf-Club, com sede no Hipódromo Rio-Grandense; não obstante, essa sociedade também durou pouco tempo. No mesmo ano, a proposta de organização de uma nova associação foi aceita e vingou como entidade representativa do turfe sul-rio-grandense: a Associação Protetora do Turf, a qual, em 1944, passa a constituir o Jockey Club do RS (ROZANO; FONSECA, 2005).

A prática do turfe atraía significativa quantidade de espectadores ao hipódromo da Associação Protetora do Turf – o Hipódromo Independência, o único remanescente após a unificação do turfe em uma única entidade. Dessa maneira, passa a ser perceptível a decisão de impulsionar o turfe como uma prática esportiva, e não simplesmente como um jogo de azar. Essa postura pode estar condicionada ao cenário até aqui apresentado, o qual propunha novas práticas esportivas, que se estruturaram ao longo do século XIX, anunciando atributos próprios do trabalho nas usinas e fábricas, configurando o caráter do esporte moderno. Passava-se a concretizar uma atitude perante a prática do turfe vinculada a uma ideia e a um conceito de modernidade, a qual sobrepujaria a tradição e soterraria a sua forma de aparelhamento e organização, estabelecendo e colocando redes de entrecruzamento entre carreiras de cancha reta e turfe.

Nesse mesmo passo, a cidade de Rio Grande, no sul do estado, conforme Xavier, Freitas e Rigo (2014), também reúne, em sua colonização, portugueses, para além de ingleses, os precursores do fenômeno das corridas de cavalos. Com intensa influência de imigrantes ingleses, o hipódromo foi fundado no início da década de 1920, estando a prática do turfe, na cidade, associada a esse contingente europeu (XAVIER; FREITAS; RIGO, 2014). De tal modo, a manifestação das práticas esportivas modernas e, nomeadamente, do turfe também ocorreu a partir desse *ethos* europeu que vigorava na cidade e na região em meados do século XX (XAVIER; FREITAS; RIGO, 2014). A sociedade rio-grandina constituiu seu prado no dia 29 de junho de 1922, sustentando suas atividades até o final da década de 1990. Ao longo de sua existência, estabeleceu relações com o Jockey Club do RS, a fim de obter seu apoio e fortalecer suas atividades. Esse auxílio, porém, nem sempre ocorria; e, diante da realização

das festas turfísticas em Pelotas e em Rio Grande, na mesma época, o desenvolvimento do turfe foi dificultado em ambas as cidades limítrofes (VITORIOSAS..., 1950).

Também localizada no sul do estado, há indícios de que a cidade de Pelotas tenha contado com três hipódromos. Essa cidade apresenta uma larga tradição em corridas de cavalos, de modo que, já em 1836, Nicolau Dreys afirmava: “presenciamos uma dessas carreiras na planície ondeada que medeia entre a cidade de Pelotas e o Rio de São Gonçalo; vimos infinita gente, muita alegria, montões de ouro e prata, e nenhuma desordem” (DREYS, 1990, p. 101). Todavia, além do turfe, a citação sugere a prática de carreiras em cancha reta no campo.

Do mesmo modo, organizada por uma elite luso-brasileira, a Associação Protetora do Turf, de Porto Alegre, almejava promover a unificação e impulsionar o esporte hípico na cidade, “visando dividir entre jockeys, tratadores e inscritesores os lucros líquidos que forem apurados em suas festas esportivas e empenhará a maior severidade pela máxima moralidade em suas corridas e festas esportivas” (CANTEIRO, 1907, p. 1). O fragmento de texto mostra elementos que podem sugerir os primórdios de um processo de profissionalização da entidade desde seu estabelecimento. Nessa medida, os sujeitos envolvidos podem ser percebidos como profissionais que arranjam o conhecimento relativo à prática, o qual é paulatinamente sistematizado e difundido pela configuração europeia das corridas de cavalos. Ocorre uma variação na disposição da configuração das corridas no RS, em que a relação de forças e o equilíbrio entre elas vão pendendo para um processo de profissionalização com base nas experiências de socialização propiciadas.

No princípio do século XX, portanto, com a fundação da Associação Protetora do Turf, se tem a intenção concretizada de promover e respeitar o turfe sob o ponto de vista esportivo, e não apenas lucrar com esse esporte (PEREIRA, 2008). Dessa forma, a imprensa jornalística carioca e porto-alegrense conclamava o governo a instigar tais atividades. O argumento principal era o referido benefício que as corridas poderiam acarretar para o aprimoramento da raça dos cavalos brasileiros, isentando o país da dependência da importação de animais adequados, uma vez que, desse modo, os cavalos nacionais poderiam rivalizar com os europeus em termos temperamentais, morfológicos e funcionais. Ainda se fazia presente um argumento tido como determinante, segundo o qual a Inglaterra e a França já teriam percebido as potencialidades do turfe para contribuir com esse moderno modelo de indústria que se delineava. Observa-se que um mercado começava a ser gestado em torno dessa prática. Tal processo, ao transformar essa atividade mediante a circunscrição de um domínio de conhecimentos e competências específicos, constitui mais um indício de profissionalização da prática.

Em alguns espaços do RS, não foram localizadas informações que permitam afirmar que se processava a profissionalização da prática. Scherer (2014) concluiu, em sua pesquisa, que as primeiras corridas de cavalos no Vale do Taquari foram realizadas em áreas de colonização alemã. O Vale do Taquari foi colonizado, majoritariamente, por italianos, alemães e açorianos. Além do Prado de Estrela, a autora traz referências sobre o Prado de Taquari, região de colonização açoriana, fundado em data anterior a 1903, encerrando suas atividades em 1915 (SCHERER, 2014). Anterior a esse prado, foi inaugurado em 24 de dezembro de 1887 o Prado da Vila de Estrela, em município de mesmo nome, o qual, segundo Hessel (1983), deveria abrigar as práticas de corridas de cavalos e ciclismo. Conforme Kilpp (2008), as corridas de cancha reta foram instituídas posteriormente na localidade, atingindo seu ápice na década de 1940. Estrela foi colonizada por imigrantes alemães; no entanto, as terras onde se instalou o prado eram de propriedade de um imigrante português, Felisberto Fagundes Mena Barreto.

Por conseguinte, em Porto Alegre, as corridas de cavalos estavam centradas em um sistema de apostas. Segundo Silva, Pereira e Mazo (2012, p. 3), “os lugares onde ocorria a

prática do turfe não possuíam o mesmo caráter associativo dos clubes fundados pelos imigrantes alemães”. O turfe estava “centrado nas apostas em dinheiro”, diferentemente dos clubes dos alemães, assim como as carreiras de cancha reta também centralizavam suas ações nas apostas (SILVA; PEREIRA, MAZO, 2012, p. 3).

O sul-rio-grandense: a construção de um personagem

Um importante texto, para esta pesquisa, foi “O cavallo”, elaborado por Lemos e Carvalho (1919), que compõe o primeiro capítulo do álbum intitulado *Rio Grande do Sul Sportivo*, em que é apresentada a ideia de que o cavalo, para a identidade do sul-rio-grandense, representava um de seus símbolos: “No Rio Grande do Sul, o cavallo tem influência directa nos desdobramentos de seu progresso” (p. 3). Além disto, Del Priore (2009) mostra que, também em âmbito nacional, a presença do cavalo em atividades de diversão e esporte, por meio dos chamados “jogos de cavalheiros”, fazia-se sentir significativamente já na segunda metade do século XIX.

De forma especial, as corridas de cavalos, especialmente dos rústicos cavalos crioulos, os quais têm sua origem no cavalo ibérico, conforme Teixeira (2011), já se configuravam como uma dessas preferências. Os cavalos da raça crioula são os principais companheiros dos sul-rio-grandenses em suas lidas diárias de trabalho campeiro. O jornal *A Gazeta de Porto Alegre*, inclusive, por ocasião da inauguração do primeiro hipódromo da cidade, em 1880, publicava: “[...] o Rio Grande é a Hungria do Brazil,—é a província em que todos sabem andar a cavallo e em que o cavallo desempenha um importantíssimo papel na economia social” (INAUGURAÇÃO..., 1880, p. 1).

Dois anos antes, em 1878, o primeiro hipódromo de Pelotas, conhecido por “Jockey Club de Pelotas”, era inaugurado, conforme reportagem do jornal *Correio Mercantil*. Nesse caso, uma importante companhia inglesa passou a promover essa sociedade que representava muito mais do que a chegada de uma nova prática esportiva, mas uma ideia de modernidade (INAUGURAÇÃO..., 1880). No programa do espetáculo de inauguração desse novo espaço equestre, além de uma carreira denominada “romana” – na qual os concorrentes disputariam em pé sobre dois cavalos –, identificaram-se uma carreira de palhaços sobre os cavalos pequenos e um burro – uma carreira cômica – e a ocorrência de carreiras de cancha reta. Dentre as quais, destaca-se uma disputa somente entre amazonas (atualmente denominadas joquetas), como apresentado no jornal *Correio Mercantil*: “4º grande carreira de *Amazonas*. Lady, montado por Mile, Williams. Black Beys, montado por Mile, Amalia. Washington, montado por Mile, Louisa. Distancia, 1,063 metros (INAUGURAÇÃO..., 1880, p. 3, grifo nosso).

A ocorrência da participação de mulheres como joquetas em uma carreira, ainda no século XIX, configura algo não ordinário para o período, no qual, para elas, era comumente reservado o lugar de espectadoras. É possível que a participação de Williams Mile, Amalia Mile e Louisa Mile tenha representado uma exceção. Talvez conectada ao fato de um possível parentesco entre elas, já que apresentam o mesmo sobrenome, conseqüentemente, poderiam estar vinculadas a uma família ligada às elites econômicas e culturais, para as quais o ato de montar a cavalo compunha parte da educação das meninas.

Ao incidir aproximações entre as duas manifestações de corridas nas reportagens, em especial na *Gazeta de Porto Alegre*, também se operava uma articulação com uma identidade sul-rio-grandense: “Trata-se no caso d’um ramo de *sport*, que é inteiramente próprio da província, e que está aliás nas nossas tradições populares” (INAUGURAÇÃO..., 1880, p. 1). A notícia sugere uma conformidade com o imaginário apoiado em um sistema de representações que sustenta uma versão desse ideário de que as disputas em velocidade a cavalo, de uma maneira mais ampla e geral, teriam seus primórdios arraigados ao RS.

Também há registros de episódios de corridas de cavalos em cancha reta na região do Vale do Taquari, com particularidades e singularidades na prática dessas carreiras e contribuições para a constituição histórica, social e cultural do local (SCHERER, 2014). Os imigrantes recém-estabelecidos nessa região eram adeptos das carreiras, conforme Scherer (2014). Segundo a autora, essa prática cultural, que conta com uma organização própria, desenvolveu-se dentre os imigrantes mantendo o formato característico que apresentava nas diferentes partes do estado, conservando, até mesmo, as expressões e os termos exclusivos de carreira, apenas modernizando determinados elementos culturais. Tem-se, no caso, a construção e a consolidação de uma identidade social sul-rio-grandense, uma vez que, como representação social, conforme Pesavento (2008), uma identidade constitui uma construção simbólica de significado que estabelece um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento.

No anúncio sobre as corridas que ocorreriam por ocasião da inauguração da estrada de ferro em Santa Cruz do Sul, Abilio Antonio Gomes salienta que desejava “reerguer o Prado promovendo corridas a que se presidirá a mais severa moralidade espero o concurso de todos os Senhores carreiristas e amigos da diversão predilecta do povo riograndense” (GOMES, 4 nov. 1905). Nesse discurso, salientamos duas representações importantes. Primeiramente, observamos um prenúncio à “moralidade severa”, remetendo à produção social de um espaço destinado à civilidade, aos homens distintos, representação associada ao discurso de uma elite econômica. A segunda apropriação enfatizada por Gomes (1905) é a representação identitária sul-rio-grandense, quando destaca tal prática esportiva como elemento simbólico do “povo riograndense”.

Associada a tal representação, apontamos outra particularidade das corridas de cavalos. Em todas as matérias encontradas neste estudo sobre a prática em Santa Cruz do Sul, os cavalos que participavam das corridas no prado recebiam nomes no idioma português, como “Demorado”, “Bugre”, “Jagunço”, “Encantado” (PROGRAMMA..., 28 mar. 1900). Já nas corridas de cancha reta, que eram realizadas em outros locais do município, encontramos cavalos com denominações associadas às representações utilizadas para delimitar etnicamente grupos teuto-brasileiros, por exemplo, “Bismarck” (RENNSPORT, 20 jan. 1904). Entretanto, mesmo nesses espaços, prevaleciam os nomes em português.

Considerações finais

As evidências anunciadas corroboram a coexistência de carreiras de cancha reta e do turfe em uma relação de interdependência, a qual propiciou que fossem arquitetadas representações identitárias sul-rio-grandenses ao destacar a prática das carreiras de cancha reta. Tal identidade do “sul-rio-grandense” estaria condicionada a uma configuração em que as interdependências entre essas práticas equestres de corridas sedimentavam-se e realimentavam-se cotidianamente. Cabe registrar, por fim, que se estabeleceu um *habitus* característico em torno dessas práticas, composto por atitudes e maneiras de pensar, refletir, agir e atuar, que estruturaram essa sociedade concebida em seu entorno, atrelando-se ao contorno de racionalidade desse grupo, sendo pessoal e coletivo concomitantemente. A constituição de uma identidade sul-rio-grandense, assim, encontra-se na intersecção de uma representação individual e da autoridade e da credibilidade cedidas pelos outros a essa representação.

Referências

7 DE SETEMBRO. **Semanário Turfista**, Porto Alegre, 1930. p. 2.

ASSMANN, A. B.; MAZO, J. Z. As *Schützenvereine* – Sociedades de Atiradores – de Santa Cruz do Sul: um tiro certo na história do esporte no Rio Grande do Sul. **Esporte e Sociedade**, Niterói, v. 7, n. 20, p. 122-153, set. 2012.

ASSMANN, A. B. **O associativismo esportivo em Santa Cruz do Sul/Rio Grande do Sul**: configurações de práticas culturais (da década de 1880 à década de 1910). 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

AQUINO, M. de. As fontes históricas no ensinar, produzir e aprender história: apontamentos e reflexões. **Revista Eletrônica História e-História**. Brasil, 2014. Disponível em: <<http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=281>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

BARROS, J. D. A. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 25, p. 407-29, 2012.

BISSÓN, C. A. **Moinhos de vento**: histórias de um bairro de elite de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Cidade: Secretaria Municipal da Cultura: Instituto Estadual do Livro, 2008.

CALLAGE, R. O cavallo e o homem. **Revista do Globo**, Porto Alegre, ano 1, n. 11, 1929.

CANTEIRO, O. **Ata da 1ª sessão preparatória**. Porto Alegre, 7 set. 1907.

DEL PRIORE, M. Jogos de cavalheiros: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: DEL PRIORE, M.; MELO, V. (Org.). **História do esporte no Brasil**: do império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 13-33.

DREYS, N. **Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro**. 4. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.

ELIAS, Nt. A gênese social do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 187-221.

_____. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. I.

_____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2 vols.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FRANCO, S. da C. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

GOIS JÚNIOR, E. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 95-117, out./dez. 2013.

GOMES. Programma das corridas. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 4 nov. 1905.

HESSEL, L. **O município de Estrela: história e crônica**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1983.

INAUGURAÇÃO do Hippodromo. **Gazeta de Porto Alegre**, Porto Alegre, 13 maio 1880. p. 1.

JEUKEN, B. Esporte na Primeira República: a história do espetáculo. **Revista de História (São Paulo)**, São Paulo, n. 176, r01416, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rh/n176/2316-9141-rh-176-r01416.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

KILPP, Cecília. **Kriegerverein: a constituição da Sociedade de Guerreiros e das primeiras associações Teutônia/Estrela (1874/1950)**. 2008. 156 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LEMOS, A.; CARVALHO, E. (Org.). **Álbum d'O Rio Grande do Sul Sportivo**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1919.

MAZO, J. Z. **A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira**. 2003. 366 f. Tese (Doutorado em Ciência do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto – Portugal, 2003.

_____. **O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967**. Porto Alegre: FEFID/PUCRS, 2004. 1 CD-ROM. MAZO, J. Z.; REPPOLD FILHO, A. R. (Org.). **Atlas do esporte no Rio Grande do Sul: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005.

_____. Bolão. In: DACOSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <<http://www.atlasesportebrazil.org.br/textos/219.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MELO, V. A. de. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORE, M.; MELO, V. (Org.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 35-70.

MELO, V. A. de; MAIA, P. Turfe. In: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2006. p. 365-366.

MONTENEGRO, N. R.; SOARES, C. L. Corridas de cavalos em Campinas: das ruas e dos quilombos ao hipódromo (1870-1898). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 418-432, abr./jun. 2018.

MORAES E SILVA, M. Comportamentos urbanos e esportes: contribuições para a esportivização do turfe e da pelota basca em Curitiba (1899-1905). **Licere**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 86-115, set. 2015.

PEREIRA, E. L. **As práticas equestres em Porto Alegre**: percorrendo o processo da esportivização. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

_____. **A prática do turfe em Porto Alegre (1875/1910)**: alguns tropeços em meio a um vitorioso galope. 2008. 57 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. **Configurações sociohistóricas da equitação no Rio Grande do Sul**: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres. 2016. 254 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. As práticas equestres e o lazer dos porto-alegrenses (décadas de 1920 a 1940). **Licere**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, dez. 2014.

_____. Um processo de agenciamento no hipismo: Federação Hípica Sul Rio Grandense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE e VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19, 2015, Vitória. **Anais...** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, 2015, v. 19, p. 1-16.

PEREIRA, E. L.; SILVA, C. F.; MAZO, J. Z. As primeiras participações de atletas do hipismo sul-rio-grandense em Jogos Olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 47-64, jan./mar. 2015a.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POSSAMI, P. C. O processo de construção da identidade ítalo-sul-riograndense (1875-1918). **História Unisinos**, v. 11, n. 1, p. 49-57, jan./abr. 2007.

PROGRAMMA das corridas. **Kolonie**. Santa Cruz do Sul, 28 mar. 1900.

REENSPORT. **Kolonie**. Santa Cruz do Sul, 20 jan. 1904.

ROZANO, M.; FONSECA, R. da. (Org.). **História de Porto Alegre**: Jockey Club. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

SCHERER, E. A. **Carreiras no Vale do Taquari**: as corridas de cavalo em cancha reta. 2014. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/622/1/2014EmanueleAmandaScherer.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

SILVA, C. F. da. **O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul**: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, C. F. da; PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. Clubes sociais: práticas esportivas e identidades culturais. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, jun. 2012.

TEIXEIRA, A. L. **Cavalo crioulo**: o símbolo do Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Viver no Campo, 2011.

VITORIOSAS as démarches nesse sentido do presidente rio-grandino Fúlvio Gáudio. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2 fev. 1950. p. 13.

XAVIER, J. F. S.; FREITAS, G. da S.; RIGO, L. C. R. Dos aplausos às ruínas: uma construção das memórias do turfe no hipódromo da cidade do Rio Grande/RS. **Licere**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, jun. 2014.

.....

Recebido em: 18/03/2018

Revisado em: 27/10/2018

Aprovado em: 26/11/2018

Endereço para correspondência:

ester_lp@yahoo.com.br

Ester Liberato Pereira

Universidade Estadual de Montes Claros

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro - Vila Mauricéia

Av. Prof. Rui Braga, S/N - Vila Mauriceia

39401-089 - Montes Claros – MG, Brasil.